



A Costura do invisível: Uma análise de desfile mediante os signos e a modernidade líquida

The sewing of the invisible: A fashion show analysis through signs and liquid modernity

Libório, Lorena da Silva Falcão; acadêmica; Universidade Cesumar, j.silva@brasil.br¹

Guzzoni, Leonardo Miguel; mestrando; Universidade Cesumar, lguzzoni.acad@hotmail.com²

Ito Hugo Silva; Especialista em Moda e Negócio; Universidade Cesumar, hugo.ito@unicesumar.edu.br³

Herek, Luciana Cristina Soto; Doutora; Universidade Cesumar, luciana.herek@unicesumar.edu.br⁴

Resumo: Com base em revisão bibliográfica e interpretação crítica dos signos visuais apresentados na coleção, este trabalho realiza uma análise semiótica do desfile 'A Costura do Invisível', de Jum Nakao. O estudo correlaciona e contrasta o movimento *fast fashion* e o *Slow Movement*, evidenciando a efemeridade da moda, o consumo acelerado e a degradação ambiental. Compreende-se que a construção visual da coleção foi uma manifestação do *Slow Movement* em oposição à indústria *fast fashion*, sobretudo pela matéria-prima empregada no desenvolvimento criativo das peças.

Palavras-chave: Semiótica; Movimento Desacelerado; Sustentabilidade.

Abstract: Drawing upon a literature review and a critical interpretation of the visual signs presented in the collection, this study performs a semiotic analysis of Jum Nakao's fashion show, 'The Sewing of the Invisible'. The study correlates and contrasts the fast fashion movement and the Slow Movement, underscoring the ephemerality of fashion, accelerated consumption, and environmental degradation. It is acknowledged that the visual construction of the collection was a manifestation of the Slow Movement in opposition to the fast fashion industry, primarily through the raw material used in the creative development of the garments.

Keywords: Semiotics; Slow Movement; Sustainability.

Introdução

O início do século XXI presenciou um contexto de intensa instabilidade social e acentuada pressão socioeconômica. Na indústria da moda, essa turbulência foi impulsionada pela globalização, que priorizou quantidade e baixo custo em detrimento da qualidade. Contudo, no São Paulo Fashion Week de 2004, o estilista Jum Nakao apresentou a coleção 'A costura do Invisível', provocando reflexões profundas acerca da



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

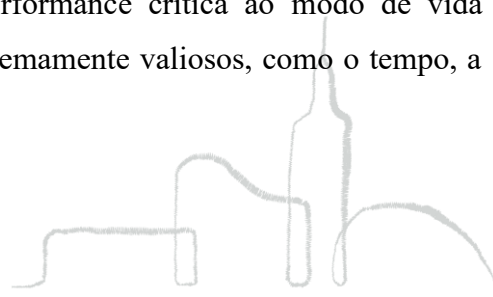
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

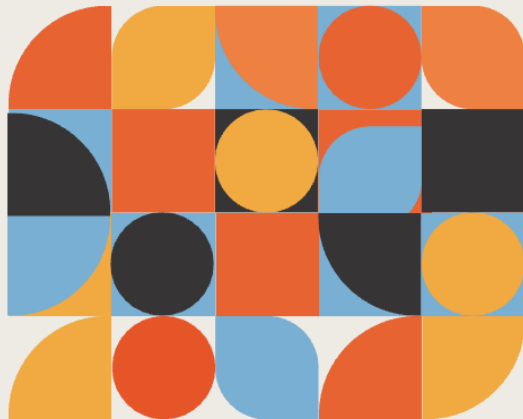
superficialidade dos novos significados atribuídos à concepção de moda. Dessa forma, ao questionar a efemeridade das tendências, os impactos ambientais negativos e a falta de originalidade do movimento *fast fashion* (moda rápida), Nakao quebra paradigmas, transitando do fantasioso e belo a uma crítica explícita que marcaria a história da moda.

De uma perspectiva histórica, após o surgimento da indústria têxtil durante a Revolução Industrial, foi criado o segmento de produção em larga escala, o *prêt-à-porter* (pronto para vestir), que substituiu as peças feitas sob medida por modelagens prontas. Posteriormente, em meados da década de 90, surgiu o movimento *fast fashion* que, movido pelo capitalismo, tornou-se palco das marcas populares, destacando a desvalorização do trabalho manual e a crescente degradação ambiental. Conforme Gregori e Maier (2023, p. 2), a indústria do vestuário e o consumismo fomentam o modelo de produção *fast fashion*, o qual se caracteriza, principalmente, pela exploração acelerada dos recursos ambientais, sociais e individuais, bem como pelo curto espaço de tempo entre a produção, distribuição, venda e o uso dos produtos.

Nesse contexto, em oposição ao *fast fashion*, surgiu o *Slow Movement* (Movimento Lento), que buscava defender a desaceleração do ritmo de vida contemporâneo. Portanto, apesar de não romper com o sistema de consumo, o movimento foi uma resistência simbólica capaz de mitigar os impactos psíquicos decorrentes da aceleração (Mena, 2018; Batista et al., 2013, p. 30-39).

No cenário contemporâneo, a moda está diretamente interligada ao avanço socioeconômico e ao consumo desenfreado. Desse modo, a sobreutilização dos recursos naturais utilizados como insumos pode ser uma ferramenta crucial na indagação de valores pré-estabelecidos por ela, desafiando normas sociais ultrapassadas e ambientalmente incorretas. Nessa conjuntura, Batista et al. (2013, p. 30-39) argumentam que o desfile de Nakao deixa de ser um mero espetáculo estético, passando a atuar como performance crítica ao modo de vida contemporâneo, o qual é impulsionado pelo esgotamento de recursos extremamente valiosos, como o tempo, a natureza, os vínculos e os significados do vestir.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

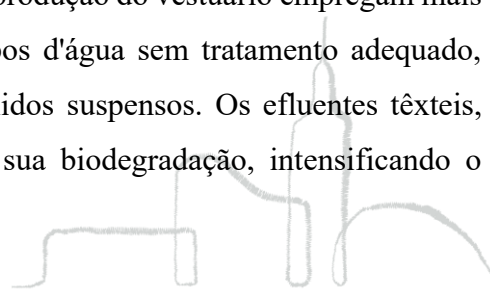
Segundo Lipovetsky (2009, p. 24-25), o São Paulo Fashion Week de 2004 utilizou signos disruptivos de produção e consumo, aliados a um veículo de comunicação não verbal, para destacar a representação de um cenário conturbado, ratificando que a moda é essencialmente histórica e restrita a um tipo de sociedade. Ademais, de acordo com o autor, o desfile de papel evidenciou a superficialidade dos novos significados atribuídos à moda, suscitando indagações acerca do que é produzido, como é realizado e por quem, ilustrando simbolicamente o comportamento humano diante das adversidades sociais.

O presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio da semiótica junguiana, a apresentação dos signos no desfile 'A costura do Invisível', de Jum Nakao, destacando seus diferentes significados e a crítica ao *fast fashion*. Para isso, a metodologia do projeto consiste em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo com abordagem analítico-crítica através de fontes como o documentário do desfile completo, disponível no YouTube na página da Recco, o site oficial do estilista Jum Nakao, Scielo e livros publicados.

Desenvolvimento do *Fast Fashion*

O modelo de produção do *fast fashion* é amplamente reconhecido como um dos mais poluentes do mundo, sendo responsável por 8% das emissões globais de carbono e aproximadamente 20% da geração de águas residuais industriais. Ademais, o consumo hídrico atinge mais de 79 trilhões de litros anuais, ocasionando impactos significativos na pureza da água, especialmente em países de baixa e média renda onde a manufatura é terceirizada para reduzir custos. Esse modelo de produção acelerado, voltado à rápida obsolescência das peças, incentiva o consumo desenfreado e o descarte precoce de vestuário, contribuindo diretamente para a degradação ambiental e o esgotamento dos recursos naturais (Bailey; Basu; Sharma, 2022).

Para além da sobre-exploração hídrica, os processos envolvidos na produção do vestuário empregam mais de 1900 substâncias químicas, muitas das quais são despejadas em corpos d'água sem tratamento adequado, elevando os níveis de pH, turbidez, demanda química de oxigênio e sólidos suspensos. Os efluentes têxteis, frequentemente, apontam características físico-químicas que dificultam sua biodegradação, intensificando o





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

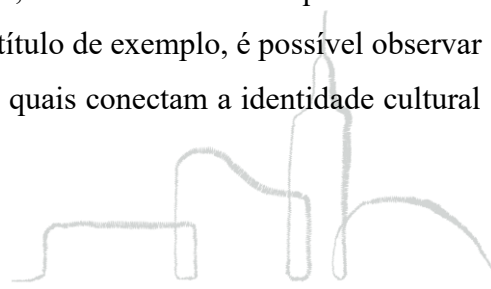
impacto ambiental. Globalmente, somente 15% a 20% desses rejeitos são reciclados, enquanto os demais são incinerados ou destinados a aterros sanitários. Além disso, estima-se que, em 2015, a indústria da moda tenha gerado 92 milhões de toneladas de resíduos e esse volume pode aumentar em 56 milhões de toneladas até 2030, caso não haja intervenções eficazes (Bailey; Basu; Sharma, 2022).

No contexto brasileiro, embora a sustentabilidade no design de moda esteja em expansão, os desafios permanecem expressivos. A indústria do couro, por exemplo, enfrenta desafios relacionados à alta carga poluente de seus efluentes, à elevada demanda por recursos naturais e à baixa rastreabilidade de suas cadeias produtivas. Nesse sentido, o fast fashion, ao priorizar lucro e agilidade na cadeia de produção, invalida práticas ecológicas e intensifica a exploração de matéria-prima e mão de obra, reforçando um sistema de produção linear e insustentável (Quintero-Torres et al., 2022, p. 56-74; Gregori; Maier, 2023).

O Slow Movement

Contudo, o Slow Movement desafia a cultura dominante ao promover práticas que resgatem saberes locais, prolongam o ciclo de vida dos produtos e fomentam o vínculo afetivo com os objetos produzidos, configurando-se como um movimento de contracultura. Segundo Bauman (2007, p. 1-9), em 'A vida líquida', a sobrecarga e a incapacidade de acompanhar a rapidez dos eventos são grandes temores da sociedade moderna; porém, na vida líquida, a contraposição à aceleração seria uma libertação dos medos sociais existentes.

Embora em constante mudança, o cenário da moda possui características consolidadas e de difícil quebra de estigmas. Para Thomas, Burgo e Costa (2022), o Slow Movement é um desafio ao paradigma do consumo rápido que aponta para uma produção embasada na qualidade, tempo correto e no significado duradouro. Nesse sentido, segundo os autores, a integração da natureza com o ser humano, aliada à busca de equilíbrio entre humanidade, meio ambiente e cultura, reforça ainda mais o movimento. A título de exemplo, é possível observar isso no desenvolvimento de mobiliários a partir de resíduos industriais, os quais conectam a identidade cultural com a sustentabilidade.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A moda e o design podem ser ferramentas importantes de transformação ecológica e econômica, principalmente através do reaproveitamento de materiais em ações de design social e atividades em comunidades artesanais, como a criação de bolsas a partir de lonas de PVC. Tais práticas, além de promover autonomia e identidade, reduzem os impactos ambientais e geram renda à sociedade. Nesta mesma perspectiva, em sua coleção, Nakao amplia o potencial crítico do desfile de moda ao associar a estética e sustentabilidade, à inclusão e valorização do trabalho manual, ratificando a utilização benéfica da moda e opondo-se ao modelo industrializado e impessoal do fast fashion (Santos et al., 2021).

Sob esse viés, o Slow Fashion e o Slow Design integram-se nessa visão, pois propõem a desaceleração dos processos produtivos contemporâneos, a busca em priorizar modos de produção e consumo mais conscientes e democráticos e a valorização do trabalho artesanal com matéria-prima de qualidade (Voronovicz; Zacar, 2011).

'A costura do Invisível' de Jum Nakao

Em uma era marcada pela globalização e pela valorização de excessos, o desfile 'A Costura do Invisível' foi um marco na história da indumentária, pois utilizou a própria moda como recurso de crítica por meio de elementos lúdicos que representavam a alienação social. Além disso, a ambientação e a trilha sonora complementam a construção das roupas, transmitindo a conturbação político-econômica, o estilo de vida e a tensão escondida pela indústria. Dessa maneira, em uma análise da moda como signo de linguagem e comunicação social, a técnica de produção utilizada, associada às características da matéria-prima e à riqueza de detalhes, pode configurar o desfile como uma representação icônica das roupas do mercado de luxo (fig. 01).

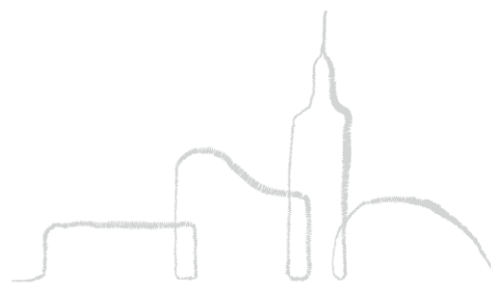




Figura 1: A costura do Invisível (Brasil): Desfile com roupas de papel, criado por Nakao, 2004.

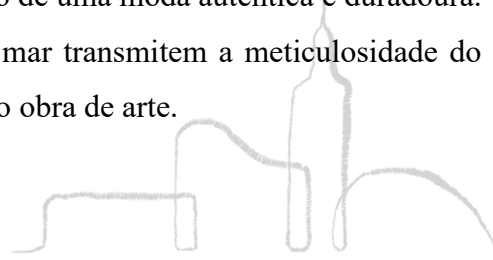


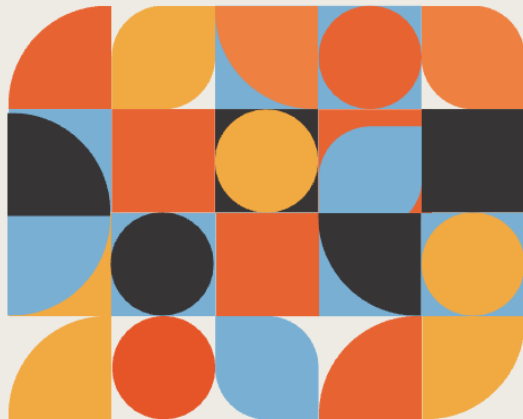
Fonte: https://www.jumnakao.com.br/wp-content/uploads/2004/01/costurainvisivel_cover.jpg

Esse espetáculo apresenta-se como espaço de convergência de diversas linguagens, utilizando-se de signos auditivos e visuais em função de uma atividade artística. Portanto, "essa construção de sentidos configura uma moda paradoxal: o mundo utópico ilustrado nas passarelas em paralelo à triste realidade distópica dos bastidores da produção em massa do *fast fashion*" (Gruber et al., 2011).

Entretanto, em uma analogia à história da indumentária, a partir do momento em que foram rasgadas, as peças tornaram-se símbolos de inacessibilidade, destacando o apoderamento do trabalho manual pela alta costura e, conseqüentemente, invisibilizando as emoções por trás de outras coleções. Assim, conforme argumenta Lipovetsky (2009, p. 27), a moda na era industrial é semelhante à era aristocrática, restringindo a exclusividade e a criação personalizada (*haute couture*) a pequenos grupos sociais que influenciam a sociedade.

A utilização do papel vegetal como base de criação representa algo que pode ser descartado, evidenciando o contraste entre a complexidade das produções de moda e o desprestígio dado a essas peças. Na obra 'Modernidade Líquida', o autor relata que "a sociedade atual se encontra suscetível a transformações constantes, podendo ser moldada conforme os aspectos sociais vigentes" (Bauman, 2001). Em outras palavras, essa escolha pode ser associada à indústria têxtil e à frivolidade dos acontecimentos, em uma simbologia sistêmica da liquidez social com suas fragilidades moldáveis e conectadas ao declínio de uma moda autêntica e duradoura. Por outro lado, os cortes e as formas utilizadas para ilustrar o fundo do mar transmitem a meticulosidade do processo criativo, questionando acerca do reconhecimento das roupas como obra de arte.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

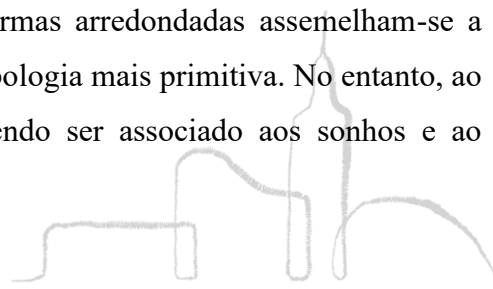
Diante disso, o espanto causado pela exposição do lado sombrio da moda pode ser questionado como um espelho da realidade, porém sem se limitar à ilusão de uma indústria perfeita, mas compreendendo a dimensão negativa de uma concepção coletiva que associa moda a descarte.

Análise do desfile sob a semiótica Jungiana.

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço, por meio de seus estudos acerca da psicanálise, estabeleceu a psicologia analítica como corrente de pensamento, abordando os símbolos e sua relação com o inconsciente. Nesse contexto, o símbolo é um termo ou imagem do cotidiano que transcende o significado imediato, possuindo conotações mais amplas e implícitas; em contrapartida, o signo, ou sinal, refere-se a um objeto com definição direta (Jung, 1964, p. 23). Sob uma perspectiva junguiana, a marca do estilista Jum Nakao pode ser considerada um signo por seu reconhecimento no mundo da moda, representando sua identidade; entretanto, o desfile em si constitui uma construção simbólica que transcende o consciente.

No âmbito da psicologia analítica, observa-se que todas as formas adquirem sentidos únicos, percebidos e interpretados conforme o espectador, podendo, assim, assumir diferentes representações em função da experiência pessoal. Entretanto, nessa teoria, para ser considerado um símbolo, ele deve possuir um significado natural e espontâneo, de modo que essa significação não pode ser uma criação humana intencional, mas uma associação inconsciente (Jung, 1964, p. 55). Dessa forma, se a composição das vestimentas do desfile de Jum Nakao for analisada isoladamente, elas se configuram apenas como signos estéticos e usuais relacionados ao vestuário, desprovidos, todavia, de um significado intrínseco mais profundo.

A ambientação é estratégica, com elementos claros que transmitem leveza, em contraste com o fundo preto e luzes roxas que comunicam elegância e mistério. Além da cor, as formas arredondadas assemelham-se a anêmonas marinhas, que representam o feminino e o sensual em uma simbologia mais primitiva. No entanto, ao mesmo tempo, em que é real, evoca um ambiente mais onírico, podendo ser associado aos sonhos e ao





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

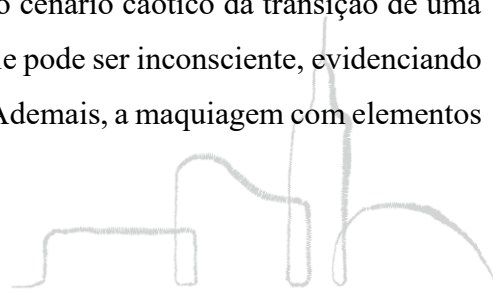
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

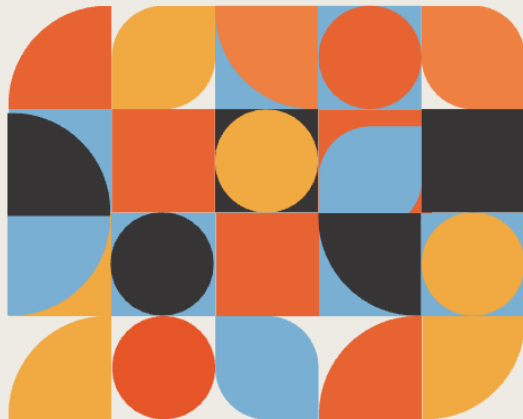
inconsciente. Além disso, "o círculo é um símbolo do self que expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre o homem e a natureza" (Jung, 1964, p. 240).

Paralelamente, o som da música direciona-nos a sentir tensão, dúvida, medo e melancolia. Além disso, a presença do preto em contraste com o branco pode ser associada ao paradoxo da moda, que representa uma luta contra a natureza e o conflito entre o consciente e o inconsciente. Essa luta pode ser interpretada como a manifestação da psique do indivíduo moderno em resposta à perda de sua mais pura essência e conexão com a natureza, culminando em autodestruição, caos e pressão. No homem, isso se traduz numa manifestação de culpa pela degradação ambiental, visto que, ao mesmo tempo em que busca satisfazer seus anseios, suas ações são reflexo de uma psique afetada pelo conflito interno. Essa visão ressoa com a observação de Jung (1964, p. 101): "Sua genialidade revela uma misteriosa tendência para inventar coisas cada vez mais perigosas, que representam instrumentos cada vez mais eficazes de suicídio coletivo".

A composição desses elementos adquire força com a entrada das modelos na passarela. Assim como o cenário, as peças transmitem delicadeza e suavidade, contrastando com os elementos pretos utilizados no figurino, rosto e cabelo. Nesse sentido, o peso visual da cor preta, por si só, reforça essa mensagem conflitante. A inspiração da apresentação, embasada nos bonecos de *Playmobil*, ao mesmo tempo, em que recorda algo mais infantilizado e fantástico, coloca as roupas em destaque, evidenciando a delicadeza dos detalhes e a perfeição dos cortes, da modelagem e da produção.

Em uma análise mais aprofundada, essa alusão humana ao *Playmobil* pode representar o inconsciente coletivo controlado pelo ambiente externo, assim como uma criança controla uma boneca, expondo a fragilidade social diante de atitudes influenciáveis pelos grupos dominantes, o que também é representado na matéria-prima utilizada: o papel vegetal. As figuras das bonecas no desfile, representam o cenário caótico da transição de uma ideia do plano inconsciente para o consciente. Portanto, essa falta de controle pode ser inconsciente, evidenciando uma perda identitária reafirmada através do andar robotizado das modelos. Ademais, a maquiagem com elementos





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

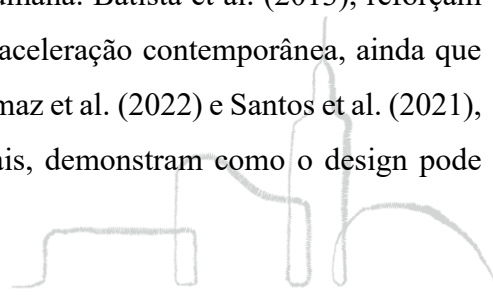
arredondados assume um sentido de neutralidade e melancolia, ambas associadas às máscaras sociais adquiridas para esconder o ego.

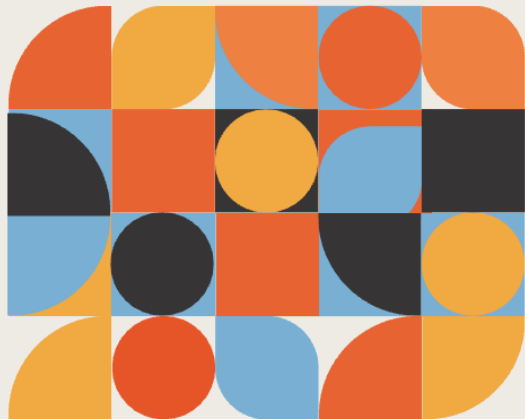
Em vista disso, o evento pode ser observado como um ato de externalização de um conflito pessoal do próprio estilista, revelando, por meio da arte, uma injustiça camuflada. Além disso, ao refletir acerca da sociedade moderna, é evidente a superficialidade das relações em função da globalização e do encurtamento da distância, o que ratifica a significação das criações manuais produzidas e a perda gradativa do sentido da moda. Isso mostra que além de impactante, o desfile provoca reações quase primitivas de espanto e desespero, simbolizando o luto pela idealização de uma indústria perfeita e o reconhecimento da toxicidade do *fast fashion*.

Considerações Finais

Diante do exposto, o desfile de papel, criado por Jum Nakao, simboliza o ciclo destrutivo da moda comercial e o conflito interno do homem moderno, expondo a invisibilidade emocional e os significados imateriais atribuídos às roupas. Ao rasgar as peças complexas feitas de papel vegetal no final da apresentação, o estilista extrapola o valor econômico do material e provoca reflexões profundas acerca da efemeridade, do consumo e do desperdício, simbolizando ainda a autodestruição humana relacionada à exploração da natureza. Dessa forma, sua obra destaca que o verdadeiro valor da roupa não está na matéria-prima, mas em sua potência simbólica e crítica que ultrapassa o limiar da consciência. Essa performance evidencia os impactos ambientais do *fast fashion* e a desresponsabilização social presente na indústria, ilustrando os paradoxos de uma moda que promete expressão individual, impõe padrões e fomenta um consumo repetitivo, superficial e insustentável.

Nesse contexto, o *Slow Movement* se apresenta como alternativa possível e necessária, promovendo uma reconexão entre tempo, produção, significado e a natureza inconsciente humana. Batista et al. (2013), reforçam ainda, que esse movimento propõe uma resistência simbólica à lógica da aceleração contemporânea, ainda que sem romper integralmente com ela. Experiências práticas descritas por Thomaz et al. (2022) e Santos et al. (2021), com o reaproveitamento de materiais e a valorização de identidades locais, demonstram como o design pode





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

incorporar os princípios do *Slow* para reverter os danos causados por uma lógica de produção exaustiva. A coleção 'A Costura do Invisível' não apenas propõe uma crítica à moda acelerada, mas aponta caminhos para uma moda mais consciente, subjetiva e sustentável, pautada pelo tempo certo, pela reflexão e pela reconexão com o ser humano, expressando esses princípios.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A vida líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007, p. 1 - 9.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BATISTA, Mariana Klein; GRISCI, Carmem Ligia Iochins; GALLON, Shalimar; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. ***Slow movement: trabalho e experimentação do tempo na vida líquido-moderna***. Psicologia & Sociedade, v. 25, n. 1, p. 30-39, 2013.

BAILEY, K.; BASU, A.; SHARMA, S. ***The environmental impacts of fast fashion on water quality: a systematic review***. *Water*, v. 14, n. 1073, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/w14071073>.

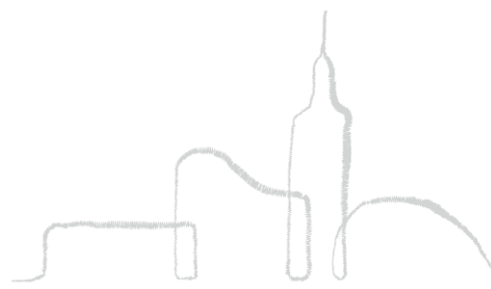
GRUBER, Crislaine; RECH, Sandra Regina. **Intersecções entre moda e espetáculo: um estudo acerca do desfile de moda**. Modapalavra e-periódico, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 108–126, 2011.

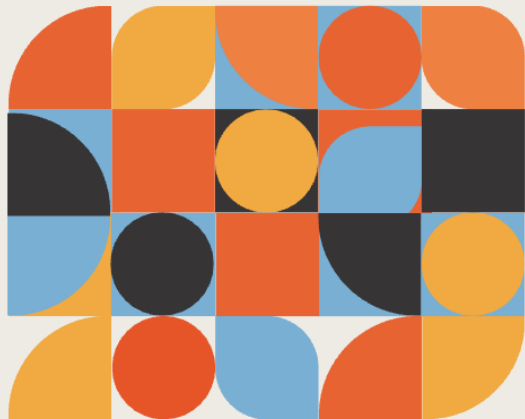
GREGORI, Isabel Christine Silva de; MAIER, Jackeline Prestes. **O modelo de produção *fast fashion* na ótica da sustentabilidade**. Veredas do Direito, v. 20, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18623/rvd.v20.2414>.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Fronteira, 1964, p. 23, p. 55, p. 240, p. 101.

LINKE, Paula Piva et al. **A moda como representação social e algo além da indumentária**. Maringá: UNICESUMAR, p. 1, 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

MENA, Isabela. **Verbetes *Draft*: o que é *slow design*?** Disponível em: <https://www.projeto draft.com/verbete-draft-oque-e-slow-design/>. Acesso em: 10 jun 2025.

NAKAO, Jum. **A costura do invisível (Brasil): desfile com roupas de papel.** Imagem disponível em: <https://www.jumnakao.com.br/portfolios/a-costura-do-invisivel/>

PRODANOV, Laura Schemes et al. **A costura do invisível: coleção e desfile de Jum Nakao.** Novo Hamburgo: Universidade Feevale, Revista Práxis, v. 1, 2017.

RECCO. **Documentário: O invisível da moda brasileira - Recco by Jum Nakao.** Brasil, 2023, 0:41s – 1:04s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2T4KeI-ShY>. Acesso em: 10 jun 2025.

SALCEDO, E. **Moda ética para um futuro sustentável.** São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

SANTOS, Maiara de Oliveira et al. **Desenvolvimento de produtos utilizando lona de banner: experiência de um projeto de extensão no Noroeste do Paraná.** *Research, Society and Development*, v. 10, n. 4, e26710414081, 2021.

VORONOVICZ, P.; ZACAR, C. R. H. ***Slow design* e os requisitos para o design sustentável.** Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2011.

THOMAZ, Danielle Comitre; BURGO, Fabiano; COSTA, Polyanna Astrath. ***Slow design*: expressão da identidade cultural da região de Cianorte/PR por meio de peças de mobiliário.** *Mix Sustentável*, v. 8, n. 3, p. 45-58, 2022.

QUINTERO-TORRES, L. et al. ***Sostenibilidad y moda en la industria del cuero: una revisión sistemática de la literatura.*** *Revista de Investigaciones de Uniagraria*, v. 10, n. 1, p. 56-74, 2022.

